

As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na língua pomerana: resgate e sistematização dos nomes populares utilizados por agricultores (as) familiares de São Lourenço do Sul, RS

The unconventional food plants (UFP) in the Pomeranian language: rescue and systematization of popular names used by family farmers in São Lourenço do Sul, RS

SELL, Léia Beatriz¹; BUBOLZ, Rafaela²; THEIS Joan da Silva³; DURIGON, Jaqueline⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas, leiasell1997@gmail.com; ² Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, rafaella.bubolz96@hotmail.com; ³ Universidade Federal de Pelotas, joan.stheis@gmail.com; ⁴ Universidade Federal do Rio Grande, Campus São Lourenço do Sul, jaquelinedurigon@gmail.com

Eixo temático: 4. Agrosociobiodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores e Comunidades Tradicionais

Resumo

Grande parte dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas alimentícias da sociobiodiversidade foi invisibilizado e alijado da sociedade durante o processo de industrialização, sendo aqueles transmitidos apenas de forma oral, os mais ameaçados. O objetivo deste trabalho foi sistematizar os nomes populares de espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na língua pomerana, utilizados por agricultores (as) de São Lourenço do Sul, RS, e construir suas respectivas grafias. As PANC foram selecionadas a partir de levantamentos etnobotânicos e das experiências do Projeto PANCPOP no Território Zona Sul. Para um total de 35 táxons, foram encontrados os nomes em pomerano para 33, sendo que 14 apresentaram dois ou mais nomes populares diferentes. Conjuntamente com o resgate das espécies de PANC, a grafia e compreensão dos seus nomes populares na língua pomerana contribuem para a troca de conhecimentos e para a conservação biocultural dessas populações tradicionais.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Conservação Biocultural; Etnobotânica; Populações Tradicionais; Sociobiodiversidade.

Keywords: Family agriculture; Biocultural Conservation; Ethnobotany; Traditional Populations; Sociobiodiversity.

Introdução

Os múltiplos potenciais associados às plantas são descobertos ou redescobertos e ressignificados continuamente, sendo os conhecimentos tradicionais associados a estas, elementos chave para a resolução de questões emergentes relativas à alimentação (Seifert e Durigon, 2021). Entretanto, grande parte do conhecimento ancestral sobre as plantas alimentícias da sociobiodiversidade foi invisibilizado e alijado da sociedade no processo de dominação imposto pela agricultura industrial, resultando em uma crescente monotonia alimentar e desvalorização de produtos autóctones (Kinupp e Lorenzi, 2014). Nesse contexto, estudos etnobotânicos vêm desempenhando um papel fundamental no reconhecimento e sistematização de saberes e práticas tradicionais, com destaque para aqueles transmitidos somente de forma oral entre as gerações, os quais estão sob constante ameaça com a artificialização da agricultura e relações de consumo (Ray et al., 2020).

Nos últimos anos, foram realizados levantamentos etnobotânicos envolvendo agricultores (as) familiares do Território Zona Sul, no sul do Rio Grande do Sul, evidenciando um grande conhecimento sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) (Echer, 2020). No município de São Lourenço do Sul, foi constatado que as PANC possuem grande importância cultural entre agricultores (as) agroecológicos (as) ou em transição agroambiental, representados (as) especialmente por famílias de origem Pomerana, embora a desvalorização e subutilização seja a realidade atual da maioria das espécies (Theis, 2019). É importante salientar que essas populações tradicionais frequentemente fazem referência às espécies PANC utilizando nomes advindos de sua língua materna, o Pomerano, para a qual, até recentemente, não havia regras de escrita (língua ágrafa), sendo poucos os registros escritos (Rodrigues, 2008).

Nesse sentido, considerando a importância da língua para a conservação biocultural no Território, o objetivo deste trabalho foi registrar os nomes populares das PANCs em Pomerano e construir suas respectivas grafias e analisar os significados locais atribuídos a estes nomes e suas várias aplicações.

Metodologia

Os (as) pomeranos (as) descendem de imigrantes da antiga província prussiana da Pomerânia (Hammes, 2014) e, atualmente, há comunidades em diferentes regiões do Brasil. Devido à conservação de tradições e costumes próprios, são reconhecidos (as) como uma população tradicional (Brasil, 2007), sendo o uso da língua um patrimônio cultural imaterial de grande significado e importância. A partir de 1858, muitos (as) pomeranos (as) fixaram-se na Colônia de São Lourenço (Hammes, 2014) que, atualmente, faz parte do município de São Lourenço do Sul (SLS), localizado no Território Zona Sul, RS.

As PANC pesquisadas quanto aos seus nomes populares na língua pomerana foram selecionadas a partir das informações obtidas em levantamentos etnobotânicos realizados no Território Zona Sul, além das experiências do Projeto PANCPOP (Valente et al., 2020). Foram priorizadas espécies nativas ou naturalizadas que são mantidas ou cultivadas por agricultores (as) familiares e que têm registros de oferta atual nas feiras locais, ou então, potencial de produção e demanda de consumo no Território. A partir da construção dessa lista, foram realizadas consultas a agricultores (as) familiares de origem pomerana em SLS quanto aos seus nomes locais destas plantas, além de serem agregados nomes documentados em trabalhos anteriores realizados no município (Theis, 2019). Para a interpretação das partes que compunham cada nome e para a construção da grafia, utilizou-se Schneider (2019) e, quando pertinente, estas informações foram complementadas com os conhecimentos das autoras e de colaboradoras especialistas no idioma.

Resultados e Discussão

A partir de uma lista de 35 táxons, foi possível encontrar os nomes populares em pomerano para 33 PANC (Tabela 1). Para quase metade destas (14), foram

registrados dois ou mais nomes, com variações de uso entre as diferentes comunidades do mesmo município.

Tabela 1. Lista de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) com seu respectivo nome científico, nomes populares em português e nomes em pomerano relatados por agricultores (as) de São Lourenço do Sul, RS.

Nome científico	Nome popular (Português)	Nome popular (Pomerano)
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	coração-de-bananeira	<i>banan-blaum, banan-colf</i>
<i>Anredera cordifolia</i> (Ten.) Steenis	bertalha-coração	<i>rankle kruud, härtsrankle, rankle</i>
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	picão-branco	<i>witestuup, frâmstuup</i>
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão-preto	<i>swart stuup, stuup</i>
<i>Erechtites valerianifolius</i> (Link ex Spreng.) DC.	capiçoba	<i>Stinkkruud</i>
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	hibisco-de-jardim	<i>hibisco-blaum</i>
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	ora-pro-nóbis	<i>tres-mari</i>
<i>Beta vulgaris</i> L.	talos e folhas de beterraba	<i>roor ruiwe stangel, roor ruiwe blad, blad baida, baida stangel</i>
<i>Portulaca oleracea</i> L.	beldroega	<i>spekkruud, wáterkruud, spekblatter</i>
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	jerivá	<i>palmit</i>
<i>Bougainvillea</i> spp.	bougainville	<i>três-mari</i>
<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	lírio-do-brejo	<i>banhad-blaum, sumplilje</i>
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	pinhão	<i>daneboom</i>
<i>Raphanus sativus</i> L.	folhas de rabanete	<i>radijs blad</i>
<i>Daucus carota</i> L.	folhas de cenoura	<i>geelruiw blad</i>
<i>Amaranthus</i> spp.	caruru	<i>swijnkruud, wjlehânekam</i>
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	bananinha-do-mato	<i>gravatá béra</i>
<i>Allium cepa</i> var. <i>aggregatum</i> G. Don	cebolinha família	<i>familgpól, druuwpole</i>
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	inhame-de-porco	<i>james</i>
<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	cará-moela	<i>rangla tufel, luftkar</i>
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	<i>suit batad, batad rangla</i>
<i>Plantago</i> spp.	tansagem	<i>râteswans, katswans</i>

<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha	<i>soigekool, boterkruud, iosalkruud</i>
<i>Stellaria media</i> (L.) Vill.	erva-de-pinto	<i>aniskruud, wintermiar</i>
<i>Taraxacum officinale</i> F.H.Wigg	dente-de-leão	<i>ëgpretch, lööwetään</i>
<i>Xanthosoma violaceum</i> Schott	taioaba-roxa	<i>blågjames, blågtioob</i>
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	hibisco-vinagreira	<i>parana-wijn</i>
<i>Annona sylvatica</i> A.St.-Hil	araticum fruta-do-conde	<i>åbabeera</i>
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	pimenta-rosa	<i>imhult</i>
<i>Inga marginata</i> Willd	ingá	<i>sukerschoida</i>
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	ingá	<i>sukerschoida</i>
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm	mastruço	<i>mastrus</i>
<i>Rumex obtusifolius</i> L.	língua-de-vaca	<i>kautung</i>

Entre os elementos mais presentes entre os nomes, destacam-se aqueles que fazem referência às espécies citadas como “sujeiras” ou “inços”, que indicam o uso das espécies para a alimentação de animais de criação, além de características que são observadas nessas plantas. São exemplos desses casos: a capiçoba, conhecida como *stinkkruud*, sendo *kruud* uma referência à “inço” ou “sujeira”, e *stink*, ao forte aroma de suas folhas; a serralha, conhecida por *soigekool*, *boterkruud* ou *iosalkruud*, sendo *soige* e *iosal*, porca e filhotes de ganso, respectivamente, e *boter*, manteiga, referindo-se ao fato de quando esta planta é utilizada para alimentação de vacas, elas produzem um leite mais gorduroso; o picão-preto, conhecido como *swart stuup*, sendo *swart*, preto, referindo-se à cor, enquanto que *stuup* significa picão, estrutura que se adere às roupas.

Conclusões

Observa-se que, na cultura pomerana, as plantas sempre tiveram grande importância, sendo muitos conhecimentos sobre espécies medicinais e alimentícias da sociobiodiversidade ainda presentes, principalmente entre as mulheres agricultoras. Nesse sentido, a grafia e compreensão dos nomes populares na língua pomerana contribuem para a (re)construção de relações, especialmente no que se refere às espécies herbáceas que crescem de forma espontânea, chamadas de *kruud*.

Referências bibliográficas

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. 2007.

ECHER, R. **Plantas Alimentícias Não Convencionais, PANC, Reconhecidas e Utilizadas Pelas Famílias de Estudantes da Escola Família Agrícola da Região Sul, EFASUL**. 2020. 262f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

HAMMES, E. L. **A imigração alemã para São Lourenço do Sul**: da formação de sua Colônia aos primeiros anos após seu Sesquicentenário. 1. ed. São Leopoldo, RS: Studio Zeus, 2004. 734 p.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**: Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 1. ed. Nova Odessa. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014. 768 p.

RAY, A.; RAY, R.; SREEVIDYA, E. A. How Many Wild Edible Plants Do We Eat— Their Diversity, Use, and Implications for Sustainable Food System: An Exploratory Analysis in India. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 4, n. 56, 2020. doi: 10.3389/fsufs.2020.00056.

RODRIGUES, A. F. **A narrativa de Thomas Davatz**: relato de memória e documento histórico, sentimentos e ressentimentos na História (1850-1888). 2008. 116 f. Monografia (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2008.

SEIFERT JR, C. A.; DURIGON, J. **Sociobiodiversidade como o caminho à Soberania Alimentar em Sucessivas Crises Globais**. Democracia e Direitos Fundamentais. Porto Alegre, 2021.

SCHNEIDER, A. **Dicionário Escolar Conciso**: Português-Pomerano, pomerisch-portugijisch. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

THEIS, J. da S. **Estudo etnobotânico de plantas alimentícias não convencionais (PANC)**: saberes e sabores da agricultura familiar em São Lourenço do Sul, RS. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

VALENTE, C. O. et al. Popularizando as plantas alimentícias não convencionais (PANC) no sul do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2019, Sergipe, SE. **Anais...** Sergipe: Cadernos de Agroecologia. 2020. v. 13, n. 2, p. 1-5.